

## UM

Jeremy Marsh sentou-se entre a assistência do estúdio de gravação. Naquela tarde de meados de Dezembro, era um de entre meia dúzia de homens da assistência. Estava vestido de preto, pois claro, e, com o cabelo escuro ondulado, os olhos azuis e a barba da moda, parecia exactamente o nova-iorquino que era. Enquanto analisava o convidado que estava no palco, conseguia lançar olhares sub-reptícios à atraente loura que se encontrava três filas mais à frente. Na verdade, havia alturas em que a sua profissão exigia o cabal desempenho de mais de uma tarefa em simultâneo. Ele era o jornalista de investigação à procura de uma história e a loura era apenas mais um elemento da assistência; porém, o observador profissional que existia nele não podia deixar de notar quanto a mulher, metida no seu colete curto e calças de ganga, era atraente. Em termos jornalísticos, está bem de ver.

Tentou pôr a cabeça em ordem, concentrar-se no convidado. O homem era mais ridículo do que poderia imaginar-se. Ao vê-lo iluminado pelos focos de luz da televisão, Jeremy pensou que o guia dos espíritos parecia obstinado ao clamar que ouvia vozes vindas do além-túmulo. Tinha adoptado um tom de falsa intimidade, agindo como se fosse o irmão ou o melhor amigo de cada um dos presentes que, na sua maioria, pareciam tomados de uma reverência temerosa — incluindo a loura e a mulher a quem o convidado estava a dirigir-se — e o consideravam uma bênção vinda do céu. O que até fazia sentido, pensava Jeremy, pois esse era o local para onde os entes queridos mortos acabavam sempre por ir. Os espíritos de além-túmulo estavam sempre rodeados de uma luz angelical e imersos numa aura de paz e tranquilidade. Nunca Jeremy ouvira falar de um guia de espíritos que estabelecesse a ligação com o outro local,

o mais quente. Nunca um ente querido morto se queixara de estar a ser assado no espeto ou a ser cozido num caldeirão de óleo de motores, por exemplo. Contudo, Jeremy tinha consciência de que estava a ser cínico. Além disso, não podia deixar de admitir que se tratava de um bom programa. Timothy Clausen era bom, bastante melhor do que a maioria dos charlatães sobre os quais andava havia anos a escrever.

— Sei que é difícil — dizia Clausen para o microfone —, mas Frank está a dizer-me que chegou a hora de o libertar.

A mulher a quem ele se dirigia com modos tão simpáticos parecia prestes a desmaiar. Na casa dos cinquenta, vestia uma blusa de riscas verdes, com as espirais de cabelo ruivo a projectarem-se em todas as direcções. As mãos da mulher, erguidas à altura do peito, estavam tão apertadas que a pressão lhe tornava os dedos brancos.

Clausen fez uma pausa e levou a mão à testa, dirigindo-se uma vez mais «ao mundo do além», como ele dizia. Em silêncio, num movimento colectivo, toda a assistência se inclinou para diante. Todos os presentes sabiam o que ia seguir-se; era o terceiro espectador que Clausen escolhera naquele dia. Não constituía surpresa que Clausen fosse o único convidado residente do programa.

— Recorda-se da última carta que ele lhe escreveu? — perguntou Clausen. — Antes de falecer.

A mulher soluçou. Um assistente aproximou ainda mais o microfone, de modo que todos os telespectadores do programa a pudessem ouvir mais facilmente.

— Recordo, mas como é que sabe...? — balbuciou.

Clausen não a deixou terminar a frase. — Recorda-se do que dizia? — indagou.

— Recordo — gemeu a mulher.

Clausen assentiu, como se ele próprio tivesse lido a carta. — Era acerca de perdão, não era?

No seu sofá, a apresentadora do mais popular programa vespertino da América, ora olhava para Clausen, ora fixava os olhos na mulher. Parecia simultaneamente maravilhada e satisfeita. Os guias de espíritos conseguiam bons níveis de audiência.

No momento em que a mulher, sentada entre a assistência, concordava, Jeremy viu que ela chorava e que a maquilhagem começava a escorrer-lhe pelas faces. As câmaras abriram o ângulo de forma a mostrarem melhor o que estava a acontecer. A televisão diurna no seu melhor.

— Mas como é que pôde...? — repetiu a mulher.

— Ele também falava da sua irmã — murmurou Clausen. — E não apenas acerca dele.

A mulher transfigurou-se, ficou a olhar para ele.

— A sua irmã Ellen — acrescentou Clausen e, finalmente, ouvida mais esta revelação, a mulher deixou escapar um grito rouco. As lágrimas irromperam, como se o sistema de rega automática tivesse entrado em funcionamento. Clausen, bronzeado e elegante no seu fato preto, sem um cabelo fora do lugar, continuava a acenar com a cabeça, como um daqueles cães que algumas pessoas põem junto ao óculo traseiro do automóvel. Embora se mantivesse em absoluto silêncio, toda a assistência se voltou para a mulher.

— O Frank deixou-lhe uma outra coisa, não é verdade? Algo referente ao vosso passado.

A despeito da claridade das luzes do estúdio, a mulher pareceu empalidecer. Num dos cantos do estúdio, fora do campo normal de visão, Jeremy viu o produtor a rodar um dedo erguido, a imitar a rotação das pás de um helicóptero. Estava prestes a iniciar-se um intervalo para publicidade. Clausen olhou quase imperceptivelmente nessa direcção. Para além de Jeremy, ninguém pareceu reparar; por vezes, perguntava a si próprio por que é que os telespectadores aceitavam tão bem aquela sequência sem falhas entre as comunicações com o além e os intervalos para publicidade.

Clausen continuou: — Um pormenor de que ninguém poderia ter conhecimento. Uma espécie de chave, não era?

A mulher assentiu e continuou a soluçar.

— Nunca pensou que ele lhe recordasse aquilo, pois não?

Ora bem, ali estava o argumento decisivo, pensou Jeremy. Conseguira-se mais uma verdadeira crente.

— É do hotel onde passaram a lua-de-mel. Ele pô-la lá para que quando a encontrasse, a senhora se lembrasse dos tempos felizes que viveram juntos. Ele não quer que o recorde com sofrimento porque a ama.

— Oooooohhhh... — gritou a mulher.

Ou algo semelhante. Talvez um gemido. Do lugar onde estava sentado, Jeremy não pôde ter a certeza, pois, de súbito, o grito foi submerso por uma explosão de aplausos entusiásticos. O microfone foi logo retirado. As câmaras apontaram noutra direcção. Terminado o seu momento de glória, a mulher sentada entre a assistência deixou-se cair na cadeira. Aproveitando a deixa, a apresentadora levantou-se do sofá e olhou de frente para a câmara.

— Devo lembrar que o que estão a ver é verdadeiro. Nenhuma destas pessoas alguma vez tinha falado com Timothy Clausen —

anunciou, a sorrir. — Depois deste intervalo, vamos apresentar mais uma comunicação.

Mais intervalos quando o programa foi interrompido para os anúncios; Jeremy recostou-se na cadeira.

Como jornalista de investigação conhecido pelo seu interesse pela ciência, tinha construído a carreira a escrever sobre pessoas como aquelas. Na maioria dos casos gostava do que fazia e orgulhava-se do seu trabalho, que considerava um valioso serviço público, numa profissão tão especial que tivera os seus direitos enumerados na Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos da América. Para a sua coluna regular no *Scientific American*, tinha entrevistado laureados com o Prémio Nobel, explicado as teorias de Einstein e de Stephen Hawking de forma a que os leigos as compreendessem, além de, em certa ocasião, ter sido responsável pelo despertar de um movimento de opinião pública que levou a Administração Federal de Medicamentos e Alimentos a retirar do mercado um perigoso antidepressivo. Tinha escrito extensamente acerca do Projecto Cassini e do espelho defeituoso numa das lentes do telescópio espacial Hubble, além de ser uma das primeiras pessoas a classificar de fraude a experiência de fusão a frio, pretensamente realizada no Utah.

Infelizmente, embora parecesse impressionante, a sua coluna não lhe rendia muito. Era com o trabalho independente que pagava a maioria das suas contas e, como sucede com todos os jornalistas *freelancers*, buscava com diligência encontrar histórias que pudessem interessar aos directores de jornais e revistas. O seu nicho tinha-se alargado até incluir «tudo o que fugisse ao habitual», pelo que, durante os últimos quinze anos, tinha investigado fenómenos psíquicos, guias de espíritos, curandeiros espirituais e médiuns. Tinha denunciado fraudes, brincadeiras e falsificações. Tinha visitado casas assombradas, procurado criaturas místicas e investigado as origens de lendas urbanas. Céptico por natureza, possuindo também a rara habilidade de explicar conceitos científicos por palavras que o leitor médio conseguisse compreender, viu os seus artigos publicados em jornais e revistas de todo o mundo. Sentia que a desmontagem dos conceitos científicos era uma actividade simultaneamente nobre e importante, mesmo que nem sempre fosse apreciada pelo público. Muitas vezes, depois de publicar os seus artigos de jornalista independente recebia cartas temperadas com adjectivos como «idiota», «atrasado mental» e o epíteto seu preferido: «lacaoio do poder».

O jornalismo de investigação, acabara por perceber, era uma profissão ingrata.

De testa franzida, a reflectir sobre tudo isto, observava a assistência a conversar animadamente, e tentava imaginar quem seria escolhido a seguir. Jeremy olhou uma vez mais para a loura, que examinava a pintura dos lábios num espelho de bolso.

Jeremy já sabia que as pessoas escolhidas por Clausen não estavam, oficialmente, ligadas ao programa, mesmo que as presenças de Clausen fossem anunciadas com antecedência e as pessoas lutassem com denodo para obter um bilhete que lhes permitisse fazer parte da assistência em estúdio. O que significava, é claro, que a assistência enxameava de crentes na vida para além da morte. Para elas, Clausen era legítimo. A menos que falasse com os espíritos, como é que poderia saber tantas coisas acerca de estranhos? Porém, como qualquer mágico de qualidade, o homem era obrigado a ter um repertório fixo, pois uma ilusão é sempre uma ilusão e, imediatamente antes do programa começar, Jeremy conseguira não só perceber como ele fazia, mas também obtivera provas fotográficas para o desmascarar.

Abater Clausen seria o maior golpe de Jeremy até àquela data; e o homem merecia ser denunciado. Clausen era um vigarista da pior espécie. No entanto, a faceta pragmática de Jeremy também compreendia que aquela história era de um género que raramente aparece, pelo que queria que saísse o melhor possível. Afinal, Clausen cavalgava uma enorme onda de celebridade e, na América, a celebridade era tudo o que interessava. Embora as probabilidades fossem mínimas, imaginava o que poderia suceder se *ele* fosse a próxima escolha de Clausen. Não esperava que acontecesse; ser escolhido era quase como ganhar a lotaria; e mesmo que não acontecesse, Jeremy sabia que tinha uma história de qualidade. No entanto, um bom artigo e um artigo extraordinário estavam, quantas vezes, separados por um simples golpe de sorte; à medida que o intervalo para publicidade se aproximava do fim, sentiu uma ligeira esperança, que nada justificava, de que a escolha de Clausen recaísse em si.

E, como se também o próprio Deus não estivesse entusiasmado com o que Clausen estava a fazer, foi isso exactamente que aconteceu.

Três semanas mais tarde, o Inverno fustigava duramente Manhattan. Uma frente fria descera do Canadá, a temperatura baixara quase até zero e as nuvens de vapor erguiam-se lentamente das grelhas dos esgotos, para se transformarem em gelo nos passeios. Não que as pessoas parecessem preocupadas. Os endurecidos cidadãos de Nova Iorque mostravam a indiferença habitual por tudo que se relaciona

com o tempo, pelo que uma noite de sexta-feira não podia ser desperdiçada, quaisquer que fossem as circunstâncias. As pessoas trabalhavam tanto durante a semana que não concebiam a ideia de desperdiçarem uma saída à noite, especialmente quando havia qualquer coisa a comemorar. Nate Johnson e Alvin Bernstein já tinham comemorado durante uma hora, como acontecera com umas duas dúzias de amigos e jornalistas, alguns do *Scientific American*, que se tinham juntado para homenagear Jeremy. Muitos dos presentes estavam na fase da bebida e divertiam-se imenso, principalmente porque os jornalistas tendem a fazer esticar os orçamentos e, naquele dia, era o Nate quem pagava a conta.

Nate era o agente de Jeremy. Alvin, fotógrafo independente, era o melhor amigo de Jeremy e tinham-se juntado naquele bar chique de Upper West Side para comemorar a aparição de Jeremy no programa *Primetime Live*, da cadeia ABC. Os anúncios de *Primetime Live* tinham estado a ser transmitidos durante a semana — na sua maioria a mostrarem Jeremy no centro das atenções e a prometerem a grande denúncia da fraude — e os pedidos de entrevistas inundavam o escritório do Nate, vindos de todos os pontos do país. A revista *People* telefonara ao princípio da tarde, ficando a entrevista marcada para a segunda-feira seguinte.

Não houvera tempo para reservar uma sala para a reunião, mas ninguém parecia incomodar-se com isso. Com o seu comprido balcão de granito e a iluminação espectacular, a casa encontrava-se cheia de gente bem instalada na vida. Enquanto os jornalistas do *Scientific American* tendiam a usar casacos desportivos de *tweed* com protectores de bolsos e se tinham concentrado num dos cantos da sala a discutir os fotões, a maioria dos outros clientes parecia ter passado por ali depois de acabar o trabalho na Wall Street ou na Madison Avenue: casacos de fatos italianos pendurados nas costas das cadeiras, gravatas *Hermès* desapertadas, homens que pareciam não pretender mais nada que não fosse impressionar as mulheres presentes e fazer brilhar os relógios *Rolox*. Mulheres, vindas directamente do trabalho em editoras e agências de publicidade, que vestiam saias de marca e calçavam sapatos de saltos incrivelmente altos, beberricavam as suas bebidas e fingiam ignorar os homens à sua volta. O próprio Jeremy não tirava os olhos de uma ruiva alta que estava na outra ponta do balcão e parecia lançar olhares na direcção dele. Não saberia dizer se ela o reconhecera dos anúncios da televisão, ou se procurava apenas companhia. Voltou-lhe as costas, aparentemente desinteressada, mas de seguida voltou a olhar para

ele. Um olhar, desta vez, ligeiramente mais prolongado, o que levou Jeremy a erguer o copo numa saudação.

— Vá lá, Jeremy, toma atenção — pediu o Nate, a dar-lhe um toque de ombro. — Estás na televisão! Não estás interessado em ver a tua actuação?

Jeremy desviou os olhos da ruiva. Olhando para o ecrã viu-se sentado em frente de Diane Sawyer. Reflectiu sobre aquela situação esquisita, pois parecia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Aquilo ainda não lhe parecia bem real. Apesar dos seus anos de profissional dos *media*, nada do que acontecera nas três semanas anteriores lhe parecia real.

No ecrã, Diane estava a descrevê-lo como «o mais conceituado articulista científico da América». A história tinha acabado por exceder as expectativas, Nate estava ainda a negociar com o programa *Primetime Live* a possibilidade de Jeremy escrever regularmente para eles, além de poder concorrer com trabalhos adicionais para o programa *Good Morning America*. Embora muitos jornalistas considerassem a televisão menos importante do que outras formas mais sérias de reportagem, tal não significava que, na sua maioria, não vissem secretamente a televisão como o Santo Graal, isto é, como uma fonte de ganhos chorudos. Apesar das felicitações, a inveja andava por ali, embora, para Jeremy, ela fosse uma sensação tão estranha como a de viajar no espaço. Afinal, os jornalistas do seu género não costumavam estar no topo da hierarquia dos *media*. Até àquele dia.

— Ela chamou-te conceituado? — indagou Alvin. — Tu, que escreves acerca do Bigfoot\* e da lenda da Atlântida!

— Caluda! — ordenou Nate, de olhos postos no ecrã. — Estou a tentar ouvir isto. Poderá vir a ser importante para a carreira do Jeremy — acrescentou. Como agente do jornalista, Nate andava sempre a promover eventos que «pudessem ser importantes para a carreira do Jeremy», pela simples razão de que o jornalismo independente não era uma actividade muito lucrativa. Anos antes, quando Nate estava a começar, Jeremy pretendia publicar um livro e nunca mais tinham deixado de trabalhar juntos, simplesmente por terem ficado amigos.

— Não interessa — concluiu Alvin, a ignorar o ralhete.

Entretanto, no ecrã, por detrás de Diane Sawyer e de Jeremy, eram passados os últimos momentos da exibição do jornalista no programa

---

\* Criatura humanóide que teria vivido no Noroeste da América do Norte. Segundo a lenda, teria 2 a 3 metros de altura. (NT)

televisivo da tarde, em que ele fingira ser um homem afligido com a morte de um irmão adolescente, um rapaz que Clausen tinha declarado pronto a entrar em contacto com Jeremy.

— Ele está comigo — ouvia-se o Clausen a anunciar. — Ele quer que o liberte, Thad.

A câmara mudou para ser mostrada a imagem de um Jeremy de rosto distorcido pela angústia. Em fundo, via-se Clausen a acenar com a cabeça, a mostrar simpatia ou a parecer obstipado, de acordo com a perspectiva de cada um.

— A sua mãe nunca modificou o quarto, o quarto partilhado por ambos. Insistia que fosse mantido sem alterações e você teve de continuar a dormir lá — acrescentou Clausen.

— Pois foi — balbuciou Jeremy.

— Mas usar o quarto metia-lhe medo e, furioso, pegou numa coisa dele, um objecto muito pessoal, e enterrou-o no quintal das traseiras.

Jeremy conseguiu murmurar mais uma vez: — Sim.

— A prótese dentária!

— Oooooohhhh! — lamentou-se Jeremy, cobrindo o rosto com as mãos.

— Ele adora-o, mas tem de perceber que ele agora está em paz. Não está zangado consigo...

Jeremy gemeu de novo, a contorcer a cara ainda mais: — Ooooo-hhhh!

Nate estava concentrado e silencioso a observar as imagens. Alvin, por sua vez, continuava a rir-se e a erguer bem alto o copo de cerveja.

— Dêem um «Oscar» a este homem! — bradou.

— Já disse que se calassem, os dois — mandou Nate, sem esconder a irritação. — Conversem no intervalo para publicidade.

— Não interessa — sentenciou Alvin novamente. «Não interessa» sempre fora a expressão favorita de Alvin.

Na continuação do programa *Primetime Live* as imagens foram desaparecendo e a câmara fixou-se uma vez mais em Diane Sawyer e Jeremy, sentados frente a frente.

— Nesse caso, nada do que Clausen nos disse é verdade? — perguntou Diane.

— Nada. Como já sabe, o meu nome não é Thad, tenho cinco irmãos e todos estão vivos e de boa saúde.

Diane manteve a caneta assente no bloco, como se estivesse preparada para tomar notas. — Então, como é que o Clausen faz isto?

— Bom, Diane... — começou Jeremy.

No bar, Alvin franziu o sobrolho e inclinou-se para Jeremy. — Taste-a apenas por Diane? Como se fossem grandes amigos?

— Fazes o favor! — atalhou Nate, cada vez mais exasperado.

No ecrã, Jeremy continuava: — O que Clausen faz é apenas uma variação do que outros têm andado a fazer há centenas de anos. Em primeiro lugar, é um bom observador de pessoas e um especialista em estabelecer associações vagas, mas dotadas de grande carga emocional, e de responder aos «palpites» da assistência.

— Bom, mas ele foi tão específico. Não apenas consigo, mas também com os outros convidados. Sabia nomes. Como é que ele faz isso?

Jeremy encolheu os ombros. — Ouviu-me falar do meu irmão, Marcus, antes do programa. Limitei-me a contar, alto e bom som, uma vida imaginária.

— E como é que a história chegou aos ouvidos do Clausen?

— Os vigaristas como Clausen são de há muito conhecidos por usarem uma grande variedade de truques, incluindo microfones e «ouvintes» pagos que circulam pela sala de espera antes do início do programa. Antes de me sentar, fiz questão de andar por aí e de meter conversa com diversos membros da assistência, sempre a ver se alguém revelava um interesse pouco habitual pela minha história. E, disso não tenho dúvidas, houve um homem que me pareceu particularmente interessado.

Por detrás deles, o filme de vídeo foi substituído por uma fotografia ampliada que Jeremy tirara com uma pequena máquina disfarçada no relógio, um brinquedo de alta tecnologia usado pelos espões, cujo custo foi prontamente debitado ao *Scientific American*. Jeremy adorava brinquedos de alta tecnologia, davam-lhe quase tanto prazer como o acto de os fazer pagar por outras pessoas.

— O que é que estamos a ver agora? — indagou Diane.

Jeremy apontou. — Este homem andou a misturar-se com a assistência em estúdio, a fazer-se passar por um turista vindo de Peoria. Tirei-lhe esta fotografia mesmo antes do início do programa, enquanto estivemos a conversar. Ampliem mais, por favor.

No ecrã, a fotografia foi aumentada e Jeremy apontou na direcção dela.

— Está a ver aquela pequena bandeira dos EUA na lapela? Não é apenas um enfeite. Na realidade, é um microfone em miniatura, que transmite para um gravador que está nos bastidores.

Diane franziu as sobrancelhas. — Como é que sabe isso?

— Porque — respondeu Jeremy, por sua vez a alçar uma sobrancelha —, acontece que tenho um aparelho igual.

Logo de seguida, meteu a mão no bolso e sacou de uma bandeira exactamente igual, ligada a um longo fio enrolado e a um transmissor.

— Este modelo é fabricado em Israel — esclareceu Jeremy. A voz dele podia ouvir-se enquanto a câmara mostrava um grande plano do aparelho. — É uma máquina muito avançada. Ouvi dizer que é usada pela CIA, uma informação que, como é óbvio, não posso confirmar. Posso confirmar, isso sim, que se trata de tecnologia de ponta: este pequeno aparelho pode gravar conversas numa sala barulhenta e cheia de gente e, munido dos filtros apropriados, pode até identificar as vozes.

Diane observou a bandeira com aparente fascinação. — E tem a certeza de que este era realmente um microfone e não apenas uma bandeira?

— Bom, como sabe, há muito que ando a investigar o passado de Clausen e, umas semanas depois do início da série de programas, consegui obter mais algumas fotografias.

Apareceu uma nova fotografia no ecrã. Embora pouco nítida, era a imagem do mesmo homem que tinha sido fotografado com a bandeira dos EUA.

— Esta fotografia foi tirada na Florida, no exterior do escritório de Clausen. Como pode ver, o homem vai a entrar. Chama-se Rex Moore e é na realidade empregado de Clausen. Há dois anos que trabalha com ele.

— Ooohhhh! — berrou Alvin, fazendo que o programa, que de qualquer das maneiras estava a terminar, fosse abafado pelo barulho de outros, invejosos ou não, que se lhe juntaram nas vaias e no alarido. As bebidas de graça tinham feito maravilhas e Jeremy viu-se submerso pelos parabéns logo que o programa acabou.

— Foste fantástico — elogiou Nate. De quarenta e três anos, Nate era baixo, estava a ficar calvo e mostrava tendência para comprimir os ombros um pouco apertados na cintura. Pouco interessava, o homem era a própria encarnação da energia e, como a maioria dos agentes, andava sempre numa azáfama, com um optimismo escaldante.

— Obrigado — agradeceu Jeremy, antes de emborcar o resto da cerveja.

— Isto vai ser importante para a tua carreira — prosseguiu Nate. — É o teu passaporte para um espaço regular na televisão. Acabaram-se as guerras para arranjar espaços em revistas como jornalista independente, acabou-se a procura de narrativas do aparecimento de discos voadores. Olhando a tua figura, sempre disse que foste talhado para a televisão.

— Sempre o disseste — anuiu Jeremy, com o gesto de rolar os olhos de alguém que tem de recitar um trecho muito repetido.

— Falo a sério. Os produtores de *Primetime Live* e de *Good Morning America* estão sempre a contactar-me, falam em utilizar-te como colaborador regular dos seus programas. Bem sabes o que todo este interesse pelas ciências significa para ti. Um grande salto para um repórter científico.

Jeremy fungou: — Sou jornalista, não sou repórter.

— Como quiseres — concedeu Nate, a fazer o gesto de quem quer afugentar uma mosca. — Mas, como eu sempre disse, a tua cara foi feita para a televisão.

— Tenho dito que o Nate tem razão — acrescentou Alvin com uma piscadela de olho. — Quero dizer, onde é que poderás ser mais popular do que no meio das damas, apesar de seres um zero em personalidade?

Há anos que Alvin e Jeremy frequentavam bares na companhia um do outro, à procura de encontros.

Jeremy riu-se. Alvin Bernstein, cujo nome fazia pensar num contabilista bem arranjado, de óculos, um dos incontáveis profissionais que usam sapatos *Florsheim* e vão de pasta para o trabalho, não se parecia com qualquer Alvin Bernstein. Ainda adolescente, viu Eddie Murphy em *Delirious* e decidiu passar a andar vestido de cabedal, um guarda-roupa que deixava horrorizado o pai, Melvin, que calçava *Florsheim* e levava uma pasta para o emprego. Felizmente, o couro parecia ligar bem com as tatuagens. Alvin achava que as tatuagens eram um reflexo da sua estética única e pessoal, pelo que as adoptou em ambos os braços, mesmo até às omoplatas. O toque final eram os múltiplos brincos nas orelhas.

— Então continuas a pensar nessa viagem ao sul para investigares a tal história de fantasmas? — pressionou Nate. Jeremy quase conseguia ouvir as rodas que lhe faziam clique, clique, na mente. — Depois da entrevista com a *People*, claro.

Jeremy afastou o cabelo preto dos olhos e fez sinal ao empregado do bar para pedir outra cerveja. — Sim, acho que sim. Com *Primetime* ou sem *Primetime*, continuo a ter facturas para pagar. Estava a pensar usar a história na minha coluna.

— Mas continuas em contacto, não é? Não vai passar-se o mesmo que aconteceu quando andaste disfarçado entre os «Justos e os Sagrados»?

Estava a referir-se a um artigo de seis mil palavras acerca de um culto religioso, que Jeremy escrevera para a *Vanity Fair*, na altura, cortara todos os contactos durante um período de três meses.

— Estaremos em contacto — garantiu. — Este material é diferente. Devo conseguir o que quero em menos de uma semana. «Luzes misteriosas no cemitério». Nada de especial.

— Eh, não vais mesmo precisar de um fotógrafo? — interrompeu Alvin.

Jeremy olhou para ele. — Porquê? Queres ir?

— Claro, com mil diabos. Ir para o sul no Inverno, talvez conhecer uma bela sulista, e tu a pagares as despesas. Ouvi dizer que as mulheres de lá põem os homens malucos, mas no bom sentido. Serão umas férias exóticas.

— Não está programado que faças umas fotografias para a *Law & Order* durante a semana que vem?

Por mais esquisito que fosse o seu aspecto, Alvin gozava de uma reputação impecável e os seus serviços eram normalmente muito procurados.

— Sim, mas vou ficar livre lá mais para o fim da semana — esclareceu Alvin. — Escuta, se estás a falar a sério acerca desta coisa da televisão, como o Nate diz que estás, talvez fosse interessante conseguirmos uma reportagem fotográfica decente dessas misteriosas luzes.

— Isso é partir do princípio de que haverá algumas luzes para filmar.

— Fazes o trabalho preliminar e depois dizes-me. Reservo um espaço na minha agenda.

— Mesmo que haja luzes, será um artigo curto — avisou Jeremy.

— Na televisão ninguém se mostrará interessado no assunto.

— No mês passado, talvez fosse verdade — contrapôs Alvin. — No entanto, depois de te verem esta noite, vão mostrar-se interessados. Sabes o que se passa na televisão, com todos aqueles produtores a andarem à roda, tentando encontrar o próximo grande furo. Se o *Good Morning America* se interessar subitamente, sabes que o *Today* não tarda a telefonar e que terás o *Dateline* a bater-te à porta. Nenhum produtor quer ser deixado à margem. Ser deixado de fora é ser despedido. A última coisa que desejam ter de explicar aos gestores é a razão por que perderam o barco. Acredita no que te digo, eu trabalho em televisão. Conheço essa gente.

— Ele tem razão — corroborou Nate, interrompendo-o. — Nunca se sabe o que vai acontecer em seguida e fazer um plano com antecedência será uma boa ideia. Esta noite marcaste pontos, sem dúvida. Não brinques com coisas sérias. E se conseguires mesmo arranjar provas das luzes, esse será o elemento de que o *Good*

*Morning America* e o *Primetime* precisam para tomarem as suas decisões.

Jeremy semicerrou os olhos para encarar o agente. — Estás a falar a sério? É uma história sobre coisa nenhuma. O motivo que me leva a ir até lá é a necessidade de fazer uma pausa, depois do Clausen. Esta história custou-me quatro meses de vida.

— E vê o que conseguiste! — exclamou Nate, a pôr a mão no ombro dele. — Esta pode ser uma peça frágil, mas com um trabalho de fotografia e uma boa história a apoiá-la, quem sabe o que a televisão vai pensar?

O jornalista ficou calado por momentos, até acabar por encolher os ombros: — Ótimo — concordou. E voltando-se para Alvin: — Parto na terça-feira. Vê se consegues estar lá na sexta. Antes disso, telefone-te e dou-te os pormenores.

Alvin pegou na cerveja e fez uma saúde: — Bom, meu Deus! — exclamou, a imitar Gomer Pyle\*. — Vou partir para a terra das papas e da dobrada. E prometo que a soma das minhas despesas não será elevada.

Jeremy soltou uma gargalhada. — Já estiveste no Sul?

— Não. E tu?

— Visitei Nova Orleães e Atlanta — admitiu Jeremy. — Mas são cidades, e as cidades são iguais por toda a parte. Para este trabalho vamos descer ao verdadeiro Sul. Vamos para uma pequena vila chamada Boone Creek, Carolina do Norte. Devias ver o portal deles na Internet. Fala de azáleas e de abrunheiros que florescem em Abril, além de mostrar com orgulho a fotografia do mais proeminente cidadão da terra. Um tipo chamado Norwood Jefferson.

— Quem? — indagou Alvin.

— Um político. Serviu no Senado do estado de Carolina do Norte, de 1907 a 1916.

— Quem é que liga a isso?

— Ninguém — esclareceu Jeremy. Olhando para a outra ponta do balcão verificou com desgosto que a ruiva já lá não estava.

— Onde é que fica exactamente esse lugar?

— Mesmo a meio caminho entre sítio nenhum e este lugar onde nós estamos. Fica num lugar chamado Greenleaf Cottages, que a Câmara de Comércio descreve como pitoresco e rústico, mas moderno. Não faço ideia do que isso signifique.

---

\* Personagem de uma série de TV dos anos 60. (NT)

Alvin soltou uma gargalhada. — Soa a aventura.

— Não te preocupes. Tenho a certeza de que vais enquadrar-te perfeitamente no lugar.

— Achas que sim?

Jeremy observou o couro, as tatuagens e os *piercings*.

— Absolutamente. É provável que desejem adoptar-te.